

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

Os novos nomes de Deus e o empoderamento feminino [The New Names of God and Women's Empowerment]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-14 09:39:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160840

Benilton Bezerra Júnior - Creio que esta pergunta pode ser respondida de várias maneiras, dependendo da posição em que se esteja com relação ao cristianismo. Mas a resposta que mais me atrai é uma que poderia ser elaborada por qualquer um: cristão, judeu, muçulmano, budista, agnóstico ou ateu. Ela parte da ideia de que a essência última do cristianismo é partilhada por outras religiões e pela tradição laica surgida no século XVII e que fez da liberdade, da igualdade e da fraternidade nossos ideais sagrados (aqueles dos quais não concebemos abrir mão, sob o risco de perdermos o sentido fundamental da existência humana). Qual é esta essência? Ela se encontra figurada, por exemplo, na passagem de 1ª Coríntios, 13: a lei do amor. Como disse certa vez Richard Rorty, a diferença essencial entre o religioso e o ateu está em que, para o primeiro, o sagrado se radica em um passado fundacional, enquanto para o segundo, ele reside somente em um futuro ideal. Tanto um quanto o outro encontra lugar e sentido para aquilo que transcende nossa condição presente. Para o primeiro, ele se encontra na dependência em relação a uma realidade maior que nos ultrapassa. Para o segundo, ele consiste na esperança por um futuro humano no qual a lei do amor prevaleça. Em ambos, porém, a lei fundamental do amor pode ser tomada como centro do sagrado. Nesta perspectiva, a pertinência do discurso cristão hoje estará relacionada à sua capacidade de contribuir, em articulação com outros discursos do sagrado, para trazer novamente à cena principal o valor da transcendência.

LEIA MAIS...

Benilton Bezerra Jr. já concedeu outras entrevistas à revista IHU On-Line e ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

* *A subjetividade humana na sociedade de indivíduos*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia*, em 25-05-2007, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7366

* *1968: a passagem de um direito conquistado a uma norma instituída*. Entrevista concedida à *IHU On-Line* nº 250, de 10-03-2008, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=914

Os novos nomes de Deus e o empoderamento feminino

O Concílio Vaticano II foi deixado para trás e a “era de poder hierárquico passou a vigorar”, dispara Mary Hunt. Mais importante do que os novos nomes de Deus é o poder conferido às suas nomeadoras

POR POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

De acordo com a teóloga feminista Mary Hunt, “a teologia feminista muda tanto a linguagem a respeito do divino quanto a dinâmica de poder da nomeação”. Contudo, “mais importante do que quaisquer nomes novos é o empoderamento de muitas novas nomeadoras”, pondera. Sobre as proibições de que mulheres lecionem em seminários católicos e sejam ordenadas sacerdotessas, entre outras, Hunt alfineta que essas são demonstrações de que o Concílio Vaticano II “foi deixado de lado e uma nova era de poder hierárquico passou a vigorar. A atual investigação das religiosas católicas americanas é o mais recente exemplo dessa tendência”.

Mary Hunt é teóloga feminista, co-fundadora e co-diretora de Women’s Alliance for Theology, Ethics and Ritual (WATER) em Silver Spring, Maryland, USA. Católica ativa no movimento feminino da Igreja, ela faz palestras e escreve sobre teologia e ética com atenção especial para questões da libertação. Graduada em Filosofia pela Universidade de Maquette, fez mestrado na Jesuit School of Theology at Berkeley. Recebeu o título de Doutora em Teologia pela União Teológica em Berkeley, Califórnia. E, em 16 de setembro, profere a conferência *Narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia feminista*, parte integrante do X Simpósio Internacional IHU: *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica*. Possibilidades e impossibilidades. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as contribuições da teologia feminista para narrar Deus hoje?

Mary Hunt - A teologia feminista muda tanto a linguagem a respeito do divino quanto a dinâmica de poder da nomeação. Tendo recebido a linguagem que fala de “Pai, Senhor, Rei, Soberano” de uma tradição patriarcal, as teólogas feministas têm trabalhado com Sofia ou Sabedoria, Amigo/a, Fonte e Companheiro/a, entre muitas outras formulações, para designar o divino. Em cada caso, temos tido o cuidado de dizer

que nossas concepções são parciais, limitadas e contextuais, e não a única palavra verdadeira, como têm reivindicado as abordagens patriarcais. Mais importante do que quaisquer nomes novos é o empoderamento de muitas novas nomeadoras. As feministas constataram que as dimensões teopolíticas do trabalho são tão claras - a maneira como as ideias teológicas moldam o fórum público - que precisamos incluir muitas e variadas vozes na reflexão teológica. Esta é um deslocamento na autoridade e no poder teológicos que, em última

análise, é mais eficaz do que qualquer nome novo.

IHU On-Line - Como a teologia feminista ajuda a escrever uma outra compreensão de Deus?

Mary Hunt - Através de novas interpretações da escritura e um novo pensamento sistemático sobre o divino, o trabalho feminista se caracteriza por uma opção preferencial pelo bem-estar das mulheres e crianças dependentes como parte de uma abordagem multivalente da criação de um mundo justo. Assim, nossa nomeação do divino reflete esse objetivo ao atentarmos para o racismo, colonialismo, discriminação de pessoas portadoras de deficiência, heterossexismo e sexismo. Fazemos isso em conjunto com pessoas provenientes de várias tradições de fé, aprendendo a escutar, talvez, mais do que simplesmente falar sobre Deus. Somos realistas em relação à forma como esses métodos funcionam: eles são inter-religiosos; expressam-se em muitas mídias, como dança, arte, pregação e discurso teológico; e necessitam ser constantemente repensados à luz das mudanças que trazem.

IHU On-Line - Nesse contexto, qual é a importância do Concílio Vaticano II como fonte de novos nichos para a inserção da mulher na Igreja?

Mary Hunt - O Vaticano II, como dizem muitos/as observadores/as, abriu as portas e janelas da Igreja Católica Romana. As mulheres e os leigos faziam parte do chamado povo de Deus ao qual o Concílio dirigiu grande parte de sua atenção. As religiosas, particularmente, levaram a sério os mandatos para mudanças e modificaram grande parte de sua vida. As teólogas começaram a falar e escrever com mais autoridade. Entretanto, durante o pontificado de João Paulo II, as portas e janelas se fecharam gradativa, mas, sistematicamente, e as mulheres foram marginalizadas mais uma vez. As proibições de que mulheres lecionem em seminários católicos,

“É necessário fazer frente a alguns desses textos em seus contextos históricos e teológicos e propor interpretações alternativas que evitem o pensamento opressor”

o clamor contra teólogas feministas como Ivone Gebara,¹ NÃOs enfáticos para a ordenação de mulheres, para o uso do controle da natalidade e do aborto, e o ensinamento negativo sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo mostram que o Vaticano II foi deixado de lado, e uma nova era de poder hierárquico passou a vigorar. A atual investigação das religiosas católicas americanas é o mais recente exemplo dessa tendência.

IHU On-Line - Podemos falar em uma redescoberta de vocações religiosas

¹ Ivone Gebara (1944): doutora em filosofia com uma tese sobre Paul Ricoeur. Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, em 1967. Estudou teologia. Em 1973 se transfere para Recife. Durante 17 anos foi professora de teologia e filosofia no Instituto Teológico de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. Assessora de grupos populares, especialmente de mulheres. Professora visitante em diferentes universidades e centros de aprendizado no Brasil e no exterior. Escritora de livros e artigos de filosofia e teologia na perspectiva feminista da liberação, dentro os quais destacamos: *Teologia Ecofeminista* (São Paulo:Ed. Olho d'Água, 1988) e *Longing for Running Waters* (Minneapolis: Fortress Press, 1999). Confira a entrevista concedida por Gebara à edição 219 da revista *IHU On-Line*, de 14-05-2007, intitulada *Em defesa da legalização e da descriminalização do aborto*, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23. Na edição 210, de 05-03-2007, concedeu a entrevista “*A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade*”, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=237. (Nota da IHU On-Line)

para as mulheres após o Concílio Vaticano II? Em que sentido esse evento arejou a forma como Deus era compreendido e sentido pelas mulheres? **Mary Hunt** - Nos Estados Unidos, e penso que num grau diferente na América Latina, o Vaticano II representou o apogeu do número de mulheres em comunidades religiosas. Mas os documentos do Concílio sobre as pessoas leigas e a família, bem como os movimentos de mulheres em ascensão e as mudanças deles resultantes deram às mulheres muito mais opções em termos de crença e estilo de vida. Assim, os números de irmãs diminuíram, mas surgiram movimentos como *Women-Church* [Igreja de Mulheres] e outros esforços para ser Igreja liderados por pessoas leigas. Na medida em que a versão de Deus do tipo “Pai, Senhor, Rei, Soberano” começou a desaparecer em face do trabalho feminista, algumas mulheres se sentiram empoderadas para ser e fazer tudo que pudessem imaginar. Isto incluiu as mulheres com boa educação e relativamente ricas, mas de modo algum a maioria das mulheres do mundo. É por isto que é imperativo que a teologia feminista leve a sério sua tarefa de moldar tanto as estruturas quanto as pessoas. Do contrário, ela corre o risco de ser uma força que aumente a distância entre pessoas ricas e pobres, mulheres brancas e mulheres de cor etc., na medida em que algumas mulheres são empoderadas, mas a maioria é deixada de lado.

IHU On-Line - Como podemos compreender as narrativas de Deus que ainda não contemplam o papel fundamental da mulher?

Mary Hunt - As biblistas feministas sugeriram que deixemos de lado muitos desses textos bíblicos. Considero isso uma estratégia útil. Mas ela não enfrenta o fato de que esses textos são usados constantemente pela direita religiosa para manter as mulheres subordinadas. Assim, é necessário fazer frente a alguns desses textos em seus contextos históricos e teológicos e propor interpretações alternativas que evitem o pensamento opressor.